

JORNAL DAS CPIs

JORNADA DUPLA

Servidores suam camisa para atender senadores

Comissão que investiga irregularidades no Judiciário conta com atuação incansável de funcionários do Senado e de outros órgãos

Eles estão fugindo do velho estereótipo de funcionário público: de empregados que entram tarde, saem cedo e passam o dia de papo para o ar. Na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que investiga o Poder Judiciário instalada no Senado Federal, os funcionários da Secretaria de Apoio às Comissões Especiais e Parlamentares de Inquérito e os assessores especiais da CPI mal têm tempo de respirar. Eles estão voltados para um trabalho hercúleo que precisa ser vencido até agosto, quando termina o prazo da comissão e, por isso, estão cumprindo uma verdadeira maratona.

Quem entra na sala da secretaria de apoio percebe, à primeira vista, que há muito trabalho a ser feito. Os oito funcionários da secretaria e os vinte técnicos requisitados pelo Senado convivem com pilhas de documentos por todos os cantos da sala e dezenas de caixas onde são armazenadas as denúncias já analisadas. Até agora já chegaram à comissão cerca de três mil denúncias de irregularidades em tribunais, envolvendo magistrados do Oiapoque ao Chuí, e todos os dias novos documentos estão chegando.

A rotina diária dos funcionários começa às 8h da manhã, mas não tem hora para acabar. No último mês, eles dizem que têm deixa-

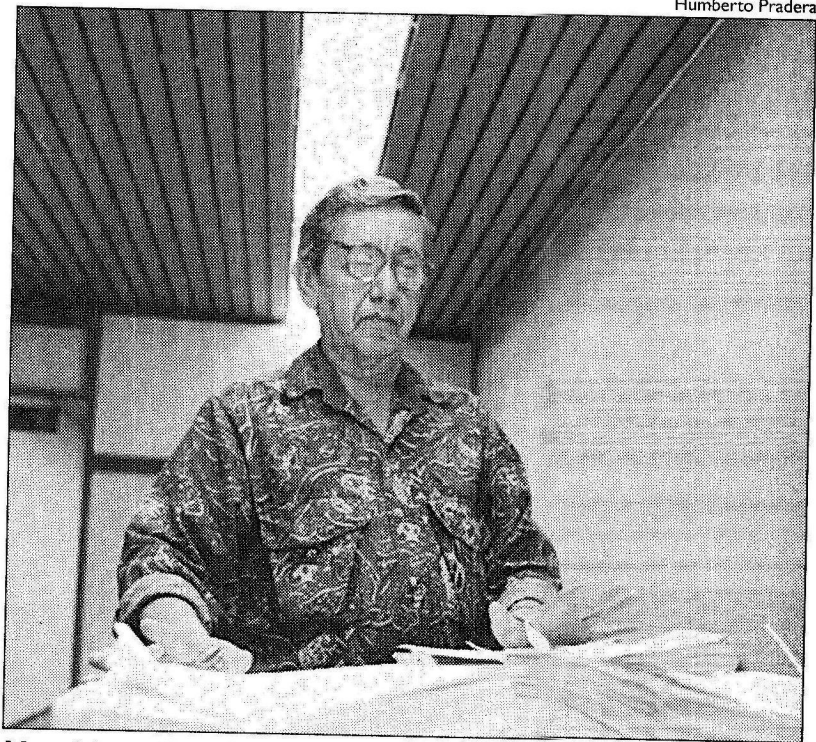
do o Congresso por volta da meia-noite, para dar conta do volume de trabalho. Tudo o que chega ao conhecimento dos senadores tem de ser listado, catalogado e analisado na secretaria minuciosamente. "Tudo o que chega à comissão tem que passar por nós, é uma relação de confiança com os senadores", explica o chefe da secretaria, Naurides Barros.

O estagiário João Almeida, por exemplo, conta todas as páginas dos dossiês que chegam à comissão, carimba e rubrica. Até agora, pouco mais de um mês depois de instalada a CPI, esse funcionário já contou 19.496 páginas, carimbando e rubricando todas.

Trabalho maior ainda têm os secretários da comissão — que excepcionalmente nesta CPI, devido ao excesso de denúncias, são quatro, em vez de dois — que precisam ler todo o material que chega para os senadores. Eles lêem tudo, fazem um breve resumo e guardam em caixas numeradas. Os funcionários estimam que já tenham chegado à comissão cerca de 200 quilos de papel com documentos. Mesmo as pequenas denúncias são catalogadas e numeradas.

Barros conta, por exemplo, que até bilhetes têm de ser lidos e catalogados. "Um senhor nos mandou um bilhete contando que tinha entrado na Justiça por um lote e achava que o juiz estava errado porque deu ganho de causa para seu concorrente e pedia para a CPI investigar", conta. "Mas não podemos ignorar nenhuma denúncia".

No futuro, a lista com todas as denúncias que chegaram ao Senado e foram lidas, diz ele, estará disponível na internet no endereço www.senado.gov.br. "Isso para ara que as pessoas que mandaram confirmar que recebemos e analisa-



Naurides: pilhas de papéis e muitos dias sem almoço

mos", explica Naurides Barros.

O trabalho dos assessores, no entanto, não se resume à análise dos documentos. Eles recebem em média 200 telefonemas por dia de jornalistas, funcionários dos tribunais e pessoas com alguma denúncia contra a Justiça. "Até vereadores e assessores legislativos dos Estados nos ligam para ter informações sobre o funcionamento da CPI, que pretendem reproduzir em CPIs estaduais", conta Barros.

Os funcionários da secretaria também assessoram os senadores durante a realização das sessões. Tudo o que o presidente da comissão, Ramez Tebet, lê durante as reuniões é escrito pela funcionária Dulcília Calhau, que redige o roteiro das sessões. Eles são responsáveis até pelo cafezinho e lanches que são servidos durante os depoimentos mais demorados. "Só

a gente não come nada, todas as terças e quintas já estamos acostumados a não almoçar", conta o chefe da secretaria.

O volume de trabalho, apesar de surpreendente, não é novidade para esses funcionários. Barros, formado em Direito, há 17 anos funcionário do Senado e há seis trabalhando na Secretaria das Comissões, já viu passar 22 comissões e analisou toneladas de documentos. As mais trabalhosas, ele conta, foram as CPIs do Collor, do PC e dos Precatórios. "Quando terminou a CPI dos Precatórios, tivemos de chamar um caminhão para levar todos os documentos para o arquivo do Senado", lembra. "Pelo jeito, vamos repetir com essa comissão".

HELAYNE BOAVENTURA

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA